

Falta de verba prejudica área de saúde no DF

Raimundo Rocha

O risco de um colapso na rede hospitalar pública do DF, especialmente do Hospital de Base de Brasília, em função do atraso nos repasses das verbas do Sistema Único de Saúde (SUS), pelo Inamps, levou o governador Joaquim Roriz a fazer um apelo direto ao ministro da Saúde, Alcení Guerra. Depois de uma semana de gestões junto ao Ministério, o governador recebeu do ministro a garantia de que cerca de Cr\$ 3 bilhões, de uma dívida da ordem de Cr\$ 7 bilhões, começarão a ser repassados já no início desta semana.

A preocupação do governador era a de que o atraso no repasse da verba comprometesse todo o trabalho que o GDF vem fazendo para melhorar o sistema de saúde local e que já resultou na classificação do HBDF como o estabelecimento com o melhor controle de infecção hospitalar no País, em cirurgias de alta complexidade.

Os recursos anunciados pelo ministro da Saúde correspondem aos repasses autorizados pelo presidente Fernando Collor através de Medida Provisória, publicada ontem no **Diário Oficial da União**.

Prejuízos — O GDF vem acumulando prejuízos mensais da ordem de Cr\$ 1 bilhão em consequência dos gastos com atendimento hospitalar de pacientes provenientes de outros estados da Federação, que se deslocam para Brasília à procura de tratamento médico nos hospitais públicos locais. Dos cerca de Cr\$ 3 bilhões mensais de gastos hospitalares da rede oficial, o Governo Federal, através do Sistema Único de Saúde (SUS), cobre apenas cerca de Cr\$ 2 bilhões, o custo correspondente somente ao atendimento da população da cidade.

De acordo com estimativas do diretor do Hospital de Base de Brasília (HBB), o maior hospital do DF, Mauro Guimarães, cerca de 50 por cento do atendimento realizado atualmente nos principais hospitais de Brasília (HBB), Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) e Hospital Regional da Asa Sul (HRAS) estão sendo feitos

exclusivamente para pacientes de outros estados. Em algumas unidades, como tratamento de câncer no sangue em crianças e atendimento ortopédico, o contingente de pacientes "importados" chega até a casa dos 70 por cento.

Nesses tipos de atendimentos, bem como em casos de cirurgia de alta complexidade, os custos hospitalares chegam à cifra de Cr\$ 10 milhões por mês para cada paciente, como ocorre com os acidentados, e a cerca de Cr\$ 7 milhões nos casos de tratamento de câncer no sangue em crianças.

Pelas estimativas de Mauro Guimarães, dos 46 pacientes que recebem tratamento ortopédico atualmente no Hospital de Base, aproximadamente 36 (80 por cento) foram transferidos de outros estados. Ele revelou que a procura nessa área tem crescido de forma assustadora que já o obrigou a sacrificar outros setores para poder garantir o atendimento aos acidentados.

Também o Pronto Socorro vive às voltas com a superlotação ocasionada pela grande procura de pacientes de outras localidades. Apesar de contar com apenas 107 leitos, essa unidade conta hoje com 171 internados e mais um atendimento rotativo diário de pelo menos mil pessoas.

Réplica — Nos outros principais hospitais de Brasília a situação não difere muito do dilema enfrentado pelo HBB. No HRAN, por exemplo, em algumas enfermarias todos os leitos chegam a ser ocupados exclusivamente por pacientes de fora, especialmente do Entorno do DF e de outros estados vizinhos, como Minas Gerais e Bahia. Todas as cidades próximas ao DF enviam seus doentes para tratamento em Brasília, com as despesas de transportes custeadas pelas prefeituras locais.

Pio Alves de Souza, de 73 anos, é um desses casos que chega a todo momento nos hospitais locais. Esta semana ele saiu da localidade de Itabua, município de Baianópolis (BA), com a ajuda da prefeitura, que cedeu uma ambulância para transportá-lo até o HRAN.



Estudos efetuados por órgãos do GDF indicaram que 50% das pessoas que chegam a Brasília vêm em busca de tratamento de saúde